

HOMENAGEM A MONS. A. NUNES PEREIRA (1906-2001)

NO 25.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO



IN MEMORIAM...

DOIS POEMAS

PARA SOLISTAS E CORO A 4 VOZES MISTAS A CAPELLA

Textos: Augusto Nunes Pereira in Pedra d'Ara

Música: Jorge Alves Barbosa

Viana do Castelo – 2026

AUGUSTO NUNES PEREIRA (1906-2001)

Sacerdote, Poeta, Escultor e...



Mons. Augusto Nunes Pereira nasceu a 3 de Dezembro de 1906, no lugar da Mata, freguesia de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra. Filho de António Nunes Pereira e de Ana Gomes. Foi o segundo de quatro filhos de um escultor santeiro que faleceu quando ele tinha apenas 9 anos. Viveu a infância e a adolescência em contacto directo com a vida dura e agreste, mas sã e pura, das gentes da serra. Entre 1919-1929 frequentou o Seminário Maior de Coimbra, ambiente onde se formou o padre, o artista, o jornalista e o estudioso que nunca mais deixaria de ser. Ordenado a 28 de Julho de 1929, exerceu o sacerdócio na paróquia de Montemor-o-Velho até 1935.¹ Conciliando sempre o exercício do seu ministério pastoral com um crescente interesse pelo cultivo das artes, da poesia à escultura, passando pelo desenho, pela aguarela, pelo vitral e sobretudo pela xilogravura, especialidade que fez dele o melhor artista português da segunda metade do séc. XX nessa área.² De 1935 a 1952, pároco em Coja, concelho de Arganil, revelou-se a riqueza da personalidade de Mons. Nunes Pereira, estendendo a sua acção aos mais diversos domínios servindo a Igreja, com a sensibilidade do artista e o talento do artífice, como provam os altares, confessionários, pinturas a óleo e os frescos da Igreja Matriz.³ Em 1952, foi nomeado pároco de S. Bartolomeu (Coimbra) e aí se manteve até se

¹ *"Sou eu mais o caderno / Meu chapéu, minha bengala: / Já é meu hábito eterno / Duma rua fazer sala"* (A. Nunes Pereira). O desenho era um estatuto social que ele não dispensava. No café, na paragem do autocarro, e nas festas Nunes Pereira gostava de fazer surpresas. Era agradável olhar as pessoas quando lhes entregava a caricatura ou o retrato que, num ápice, o Padre Nunes Pereira elaborava.

² Executou trabalhos de xilogravura, desenhos artísticos a buril, água forte, ponta seca e lápis, gravuras em madeira, cobre, lousa, marfim e calhau rolado ou seixo.

³ São da sua autoria os seguintes vitrais: Capela da Casa de Saúde de Santa Filomena (Coimbra), Capela de Montalto (Arganil), Igreja de Santa Maria (Celorico da Beira), Igreja de Manteigas, Igreja de Ponte Sótão (Góis), Igreja de Ponte da Barca, Igreja de Cardigos, Igreja de Guarda-Gare, Igreja de Paleão (Soure), Igreja de Carnide (Pombal), Igreja de S. José (Coimbra). É autor dos painéis de madeira da Igreja da Tocha, Bustos, Coja, Seminário Maior de Coimbra, a Via-Sacra de Colmeias (Leiria), da Igreja de Nossa Senhora de Lurdes (Coimbra), da igreja do

aposentar, em 1980, contribuindo decisivamente para a valorização do património arqueológico da própria Igreja Paroquial. Colaborou no estudo e classificação de vários monumentos e no inventário cultural de Arte Sacra na Diocese de Coimbra, fazendo ainda investigações sobre os túmulos, o púlpito e um estudo sobre o Cadeiral do Mosteiro de Santa Cruz. Foi um dos fundadores do Movimento Artístico de Coimbra, Sócio Fundador da Sociedade Cooperativa de Gravadores de Portugal e membro da Sociedade Nacional de Belas Artes. Um dos maiores legados do seu talento foi a criação da Oficina-Museu do Seminário Maior de Coimbra, onde se encontra grande parte do seu espólio artístico, nomeadamente a colecção completa das gravuras em madeira dos Contos de Fajão. Muitas das suas obras foram apreciadas em exposições, coletivas ou individuais, em Coimbra, Lisboa, Faro, nos Açores, no Brasil, em Espanha, França e Luxemburgo, tendo-se relacionado com vários mestres. O contacto com outros artistas e a exposição frequente das suas obras fizeram-no sair do anonimato, tornando a sua arte conhecida e admirada não só na cidade, mas por todo o país e mesmo além-fronteiras. Entre os anos de 1952 e 1974, foi ainda Chefe de Redacção do *Jornal "Correio de Coimbra"*, tendo realizado muitas dezenas de gravuras para este jornal e para outras publicações. No ano de 1977, em reconhecimento do valor da sua obra, abriu ao público, em Fajão, um museu a ele dedicado e, em 1986, a Câmara Municipal de Coimbra atribuiu-lhe a medalha de Ouro da Cidade.

Veio a falecer no dia 1 de Junho de 2001, com 94 anos de idade. Na Homilia da sua *Missa Exequial*, o Bispo de Coimbra, Dom Albino Cleto, resumia nestas palavras o seu exemplo de vida: “Ser artista como ele foi é ser pregador e padre; os seus traços pictóricos são uma verdadeira pregação porque o artista aponta-nos sempre as pegadas de Deus”. Tendo conhecido Monsenhor Nunes Pereira 40 anos antes, o P. Manuel Simões referia que *primeira imagem* que guardou dele era a de “um homem austero, rude, um homem voltado para si mesmo, enfiado no seu gorro e no seu casaco, ocultando porventura a verdadeira realidade da pessoa que depois acabamos por descobrir: um homem muito simples, muito sábio, cheio de humor, com frases muito curtas, mas cheio de vida, de sabedoria; ele não queria fazer arte pela arte, mas ajudava-nos a ler o divino na realidade da vida, sobretudo da vida simples serrana, na vida difícil das pessoas”. No que a mim diz respeito, tomei contacto com a personalidade e a obra de Mons. Nunes Pereira através dos seus trabalhos de texto e gravura, publicados pela revista *O Mensageiro de Santo António* de que ele foi colaborador habitual até aos últimos tempos de vida.⁴ Surpreendia-me a espontaneidade dos seus textos, o espírito e

Colégio de São Teotónio (Coimbra) e da igreja de Ansião. Tem trabalhos em ferro forjado na Igreja do Cardal (Pombal), Igreja de Ponte Sótão (Góis) e Igreja de Arganil.

⁴ Mons. Nunes Pereira iniciou a sua colaboração n' *O Mensageiro de Santo António* no mês de Março de 1986, com uma página de texto, onde havia quase sempre uma gravura ilustrativa, caracterizado sempre por um enorme sentido de humor, onde recolhia fragmentos da sabedoria popular, em cuja filosofia de vida e linguagem não faltava alguma dose de picaresco ou brejeiro. Interrompeu a sua colaboração precisamente no ano da sua morte, 2001, tendo a revista publicado ainda alguns textos póstumos. A esta secção, que eu devorava avidamente a cada mês, deu o título de “*Calhau Rolado*”, título de uma das suas poesias, ao mesmo tempo que referia um dos materiais com que gostava de exprimir-se na sua arte da escultura e da gravura, mas também o ar bem-humorado da mesma expressão, que podemos também associar ao tom provocador do nome do grupo musical *Rolling' Stones*... *Calhau Rolado* é uma expressão com que ele próprio se identifica, segundo o citado poema que se apresenta no *Mensageiro*: “Aqui limando / Além batendo / Após compondo / Tem a forma que tem: / Ficou

bom humor com que abordava a crua realidade da vida,⁵ ao lado daquela rudeza que transparecia das suas gravuras, marcadas por um certo dramatismo, austeridade, espontaneidade e rigor no traço. Poeta de renome, publicou vários livros de poesia como *Da Terra e do Céu* e *Sopa de Pedra*.⁶ Em 1954, era publicado o livro *Pedra d’Ara*, numa edição comemorativa das suas Bodas de Prata Sacerdotais, de onde são recolhidos os dois poemas que aqui coloco em música, bem como um belo soneto, escrito a propósito da sua Ordenação Sacerdotal, onde refere algumas ideias e situações com as quais me posso identificar, não sem alguma estranheza.

*Por graça do Senhor, fui ordenado,
certa manhã de esperança e de alegria;
e a obediência inteira ao meu Prelado,
naquela hora grande, eu prometi-a.*

*Fiquei, porém, confuso e abismado
por ver, na minha terra, ao outro dia,
na pitoresca aldeia onde fui nado,
a minha mãe a dar-me senhoria.*

*Perante o meu protesto reverente,
a minha Mãe querida respondeu:
– sou tua mãe; criei-te com amor;*

*Mas tu agora és padre eternamente;
dou senhoria a quem é mais do que eu:
pois não és um ministro do Senhor?*



É natural esta admiração por uma pessoa para quem o cinzel ou o formão eram as ferramentas mais importantes: para trabalhar com elas, é preciso associar a firmeza da mão, a precisão do corte e a energia da pancada da maceta...⁷ Filho que sou de um artista cinzelador da pedra, que até me ensinou a técnica de colocação do cinzel entre os dedos da mão direita, sem o apoio do polegar, explicando-me os calos que exibía, creio compreender um pouco melhor a personalidade deste sacerdote e artista, a cuja homenagem me associo agora.

redondo. / Eu tenho até pensado / Que não é ele, mas sou eu / O tal calhau rolado” (A. NUNES PEREIRA, “Dardo ou Música?” in *Mensageiro de Santo António*, n. 3 (1986) p. 7).

⁵ Um exemplo paradigmático do humor picaresco próprio da cultura popular explanado nos textos de Nunes Pereira é esta quadra que transcreve a habilidade e ousadia de um pedinte: “Ó minha rica senhora / Pelos seus que já lá tem; / Juro-lhe que até agora / Ainda não comi ninguém...”

⁶ Acerca de *Da terra e do céu* escrevia António Correia de Oliveira: “O que no seu poema comove e domina é a ternura, a doçura, a simplicidade, o sobrenatural e a natureza. Francisco e Clara gostariam de ler grande parte das suas líricas, em certas tardes de Porciúncula”.

⁷ Poderemos mesmo fazer o paralelo com o que Johann Sebastian Bach terá dito acerca da técnica organística: “Dedo certo, na nota certa, no momento certo...”

Efectivamente, foi no contexto da homenagem que celebra os 25 anos do seu falecimento, que me propuseram colocar em música um ou dois poemas seus, tarefa a que acedi de bom grado, recordando o fascínio que esta personagem, sem a conhecer pessoalmente, provocou em mim ao contacto com a sua obra. Na sua apresentação como colaborador de *O Mensageiro de Santo António*, interpretando a alegoria constante de um friso do retábulo flamengo da Sé Velha de Coimbra, que representa um fauno atacando, com arco e flecha, um javali que lhe responde tocando uma gaita de fole, escrevia ele: “Promova-se a música, promova-se o cântico de júbilo em vez de gritos de guerra. Ofereçam às crianças, em vez de pistolas, flautas e bandolins; ponha-se o povo a cantar pois ‘quem canta seu mal espanta’”.⁸ Não se tratou de um trabalho leve, tanto pelo momento particularmente difícil em que tive que me debruçar sobre os poemas, como pelos desafios que me coloquei perante os textos em questão, nomeadamente no que se refere ao primeiro que me foi proposto de início, *A Santa Luzia*, talvez por se tratar de uma virgem-mártir particularmente presente na paisagem, na memória e na devoção não só vianense, mas também de outras paragens, nomeadamente a Galiza. Inicialmente imaginado como um *canon* a quatro partes – pensando no *Coro Ançãble* a quem se destina, o sentido do texto não se adequava à simples repetição da música, nas diferentes estrofes, nomeadamente pelo contraste entre a primeira e a segunda. Foi então que surgiu a ideia de um *canon duplo*... Ora, se o poeta suplica à santa siciliana “*que não arda no inferno*”, fui eu mesmo que me fui meter no inferno de uma das formas musicais mais exigentes na técnica do contraponto, nomeadamente quando pretendemos também manter o carácter expressivo nas diferentes melodias... Quanto ao segundo, *O Cruzeiro da Carvalha*, a questão prendia-se mais com a forma *Soneto* embora já anteriormente abordada em trabalhos meus. Dado o teor um tanto agreste do próprio vocabulário deste magnífico poema, nas duas quadras, optei por um tratamento um pouco mais ousado do ponto de vista da linguagem harmónica, confiando o texto às duas vozes solistas mais graves, sempre as mais preteridas pelos compositores, e reservando ao Coro o revestimento harmónico. Nos dois tercetos, o Coro assume o texto com uma música que se repete, numa Exaltação da Cruz com alguma dose de solenidade, onde os solistas afloram discretamente reminiscências do hino litúrgico à Cruz dedicado: “*Vexilla Regis prodeunt*”.

Meadela, 1 de Maio de 2026
Jorge Alves Barbosa

⁸ A. NUNES PEREIRA, *ibidem*.

*Homenagem a Mons. A. Nunes Pereira
no 25.º Aniversário do seu falecimento*

IN MEMORIAM...

**Dois Poemas
para Solistas e Coro a 4 vozes mistas a capella**

**Textos: Augusto Nunes Pereira
Música: Jorge Alves Barbosa**

A SANTA LUZIA

Ó Virgem Santa Luzia,
que trocaste a luz do dia
pela eterna claridade;
pede, roga ao Pai das luzes
que, no meio destas cruces,
se conserve a caridade.

Quando venha o inimigo
para meter-se comigo
e arrastar-me ao lodaçal;
que eu me fique firme e quedo,
qual coluna, qual penedo,
que nada arraste p'ra o mal.

Seja sempre hospitaleiro
p'ra o divino companheiro
que trago dentro de mim;
que eu não arda no inferno,
mas o gozo sempiterno
possa conseguir enfim.

[in *Pedra d'Ara*, p. 75]

A SANTA LUZIA

[CANON DUPLO]

Poema: A. Nunes Pereira

Música: Jorge Alves Barbosa
(2026)

Adagio ♩ = 63

SOPRANOS

CONTRALTOS

TENORES

BAIXOS

Ó

Ó Vir-gem San - ta Lu - zi - a, Que tro -

5

Vir-gem San - ta Lu - zi - a, Que tro - cas - te a luz do

cas - te a luz do di - a, pe - la e - ter - na cla - ri -

2

di a, pe - la e - ter - na cla - ri - da de
 da de; *f* pe - de, ro - ga ao Pai das

10

f pe - de, ro - ga ao Pai das lu zes
 lu zes *cresc.* que, no mei - o des - tas cru - zes se con -

15

cresc. que, no mei - o des - tas cru - zes se con - ser - ve a cla - ri -
 ser - ve a cla - ri - da de Se con - ser - ve a

da de
cla - ri - da de.
mf Quan do ve - nha o i - ni -

mi - go, pa - ra me - ter - se co - mi - go, e ar - ras -
mf Quan do ve - nha o i - ni - mi - go, pa - ra

tar - me ao lo - da - çal, que eu fi - que
cresc. me - ter - se co - mi - go, e ar - ras - tar - me ao

4 25

fir - me e que do, qual co - lu - na qual - pe -
 lo - da - çal; que eu fi - que fir me e que

30

ne - do, que na - da ar - ras - te p'ra o mal, na - da ar - ras
 do, qual co - lu - na qual - pe - ne - do que na - da ar -

Se ja sem - pre hos - pi - ta -
 te p'ra o mal Se
 ras - te p'ra o mal.

35 *mf* 5

Se ja sempre hos pi - ta - lei - ro p'ra o di - lei - ro p'ra o di - vi - no com - pa - nhei - ro ja sempre hos pi - ta - lei - ro p'ra o di - vi - no com - pa - Se ja sempre hos pi - ta -

vi - no com - pa - nhei - ro, que tra - go den - tro de que tra - go den - tro de mim; que eu não ar - nhei - ro que tra - go den - tro de mim; lei - ro p'ra o di - vi - no com - pa - nhei - ro que tra -

40 *f* *cresc.*

mim; que eu não ar - da no in - da no in - fer - no mas o go - zo que eu não ar - da no in - fer - no, go den - tro de mim; que eu não ar - da

- fer _____ no, _____ *cresc.* mas o go - zo sem - pi - ter - no pos - sa
 sem - pi - ter - no pos - sa con - se - guir en - fim. _____
cresc.
 mas o go - zo sem - pi - ter no pos - sa con - se -
f no in - fer _____ no, _____ *cresc.* mas o go - zo sem - pi -

rall.°
 con - se - guir, pos - sa con - se - guir en - fim.
 _____ pos - sa con - se - guir en _____ fim.
 guir, pos - sa con - se - guir en - fim
 ter _____ no pos - sa con - se - guir en - fim.

O CRUZEIRO DA CARVALHA

No largo duma aldeia, em plena serra,
firmado num penhasco de granito,
qual rochedo emergindo em mar de guerra,
a cruz aponta aos homens o infinito.

Por sua base firma-se na terra;
seu tronco eleva ao céu o nosso grito;
com seus braços o mundo abrange e cerra
num abraço de paz e amor bendito.

Passaram gerações de cavadores
e seguiram alegres seu caminho
depois de saudarem o cruzeiro.

Ó cruz bendita, erguida em mar de dores:
alonga esses teus braços com carinho,
e abraça, num sorriso, o mundo inteiro.

[in *Pedra d'Ara*, p. 76]

O CRUZEIRO DA CARVALHA

[SONETO PARA DOIS SOLISTAS E CORO]

Poema: A. Nunes Pereira

Música: Jorge Alves Barbosa
(2026)

Andante ♩ = 56 **Contralto**

Contralto Solista

Baixo Solista

SOPRANOS

CONTRALTOS

TENORES

BAIXOS

No lar - go du - ma al-

Ah! Ah!

Ah! Ah!

Ah! Ah!

Ah! Ah!

5

dei-a em ple - na ser - ra, fir - ma - do num pe - nhas - co de gra - ni - to. qual ro -

Qual ro -

che - do e - mer - gin - do em mar de guer - ra, a

Em mar de guer - ra. Ah!

Qual ro - che - do e - mer - gin - do em guer - ra. Ah!

Qual ro - che - do em mar de guer - ra. Ah!

che - do e - mer - gin - do em mar de guer - ra. Ah!

cruz a - pon-ta aos ho-mens o in - fi - ni - to.

Baixo
Por su - a ba - se,

Ah! Ah!

Ah!

Ah!

Ah!

fir - ma - se na ter - ra, seu tron-co e - le - va ao céu o nos - so gri - to; com seus
 Com seus

bra - ços to - do o mun - do a - bran - ge e cer - ra. num
 A - bran - ge e cer - ra. Ah!
 Com seus bra - ços to - do o mun - do cer - ra. Ah!
 To - do o mun - do a - bran - ge e cer - ra. Ah!
 bra - ços to - do o mun - do a - bran - ge e cer - ra. Ah!

a - bra - ço de paz e a - mor ben - di - to.

Pas -
Pas -
Pas -
Pas -

pp
Ah!
pp murmurando...
Ah!

sa - ram ge - ra - ções de ca - va - do - res, e
sa - ram ge - ra - ções de ca - va - do - res, e
sa - ram ge - ra - ções de ca - va - do - res, e
sa - ram ge - ra - ções de ca - va - do - res, e

Ah!_

Ah!

se - gui - ram a - le - gres seu ca - mi - nho, de -

se - gui - ram a - le - gres seu ca - mi - nho, de -

se - gui - ram a - le - gres seu ca - mi - nho, de -

se - gui - ram a - le - gres seu ca - mi - nho, de -

pois de sau - da - rem o cru - zei - ro: Ó

pois de sau - da - rem o cru - zei - ro: Ó

pois de sau - da - rem o cru - zei - ro: Ó

pois de sau - da - rem o cru - zei - ro: Ó

6

Ah!

pp

Ah!

mf

Cruz ben - di - ta, er - gui - da em mar de do - res: a -

mf

Cruz ben - di - ta, er - gui - da em mar de do - res: a -

mf

Cruz ben - di - ta, er - gui - da em mar de do - res: a -

mf

Cruz ben - di - ta, er - gui - da em mar de do - res: a -

35

p

Ah!

p

Ah!

lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a - bra-ça, num sor - ri-so, o mun-do in

lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a - bra-ça, num sor - ri-so, o mun-do in

lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a - bra-ça, num sor - ri-so, o mun-do in

lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a - bra-ça, num sor - ri-so, o mun-do in

p
Ah!

tei - ro. A - lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a
rall.º sempre
 tei - ro. A - lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a
 tei - ro. A lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a
 tei - ro. A - lon-ga es-ses teus bra-ços com ca - ri - nho, e a

p
Ah!
 Ah!

bra - ça, num sor - ri - so, o mun do in - tei ro.
 bra - ça, num sor - ri - so, o mun do in - tei ro.
 bra - ça, num sor - ri - so, o mun do in - tei ro.
 bra - ça, num sor - ri - so, o mun do in - tei ro.
 30.04.2026

